

Haitianos no Brasil: fluxo migratório e comunidades virtuais¹

Patrícia Pimenta Fernandes²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

O presente artigo discute o fluxo migratório Haiti-Brasil a partir de 2010 levando em consideração diferentes aspectos dos movimentos migratórios e os deslocamentos na noção de identidade na contemporaneidade em função das TICs, com particular atenção ao papel das comunidades virtuais. Em um primeiro momento, apresenta-se o contexto em que se dá o movimento migratório de haitianos para o Brasil. Em um segundo momento, são abordados os aspectos existenciais e a relevância das migrações para a sociedade. Por fim, trata-se da constituição de comunidades virtuais de haitianos residentes no Brasil e sua relevância para a configuração identitária desses migrantes.

Palavras-chave: migração; haitianos; comunidades virtuais.

O que vem mudando nos movimentos migratórios no Brasil e no mundo

Muito se discute sobre o processo de globalização na contemporaneidade - aspectos econômicos, políticos, mudanças nas instituições, elementos comunicacionais e culturais, etc. - e suas consequências para a sociedade e para os indivíduos. Entre as características que compõem esse cenário, podemos destacar, em primeiro lugar, a descentralização espacial dos processos produtivos: o desmembramento das etapas de produção entre diversas empresas situadas em diferentes partes do globo e a expansão de empresas transnacionais, que se tornou possível graças aos avanços tecnológicos em termos de informatização e comunicações. Em segundo lugar, a aceleração experimentada em diversos processos em função do desenvolvimento de novas tecnologias - a informação circula com grande rapidez e se torna acessível a um número cada vez maior de pessoas³. Como consequência desse novo funcionamento, observa-se uma intensificação dos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, email: patriciapim@gmail.com.

³ Sobre diferentes aspectos da globalização, ver APPADURAI, A. Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2004, e ROCHMAN, A.R. Globalização – uma introdução. São Paulo: Desatino, 2003.

movimentos migratórios: dados do Departamento da ONU de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA) indicam que o número de migrantes globais entre os anos 2000-2009 aumentou cerca de 4,6 milhões por ano, mais que o dobro do aumento anual durante a década anterior (2 milhões). Atualmente, há 232 milhões de migrantes no mundo, ou 3,2% da população mundial⁴.

De acordo com documento divulgado em 2013 pelo DESA, percebe-se uma mudança no eixo das migrações em anos recentes: ao invés do vetor sul-norte, historicamente mais intenso (migrantes de países ao sul do Equador rumo à Europa, Estados Unidos e Canadá), um percentual similar de migrantes se desloca no sentido sul-sul atualmente, em direção a nações em desenvolvimento, tais como Índia e Brasil⁵. Essa mudança acontece em parte devido ao endurecimento das fronteiras nos países desenvolvidos, no rastro da crise econômica disparada em 2008, e em parte graças ao potencial de crescimento econômico dos países emergentes.

Nesse contexto, o Brasil vem se destacando como uma das principais rotas mundiais de migração. Por trás dessa posição, é possível identificar dois vetores principais: em primeiro lugar, o Brasil conta atualmente com grandes investimentos em setores basilares, como construção pesada, tecnologia da informação e petróleo (óleo e gás). Em segundo lugar, a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014 e da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 aqueceu os negócios para o setor de construção e para o terceiro setor, gerando oportunidades nos segmentos de hotelaria, restaurantes e turismo.

Em função do crescimento desses setores, observa-se uma crescente demanda por mão de obra; o aumento dos fluxos de imigração vem atender a essa demanda. Assim postas as condições de cunho econômico em que se dão os movimentos migratórios no país atualmente, cabe refletir sobre aqueles que, de fato, constituem o processo – os migrantes. Quem são, de onde vêm, o que os move e como se percebem. Sem deixar de lado as causas objetivas mas, antes, somando outros aspectos, tais como subjetividades e particularidades de determinados movimentos.

⁴ Fonte: ONUBR Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

⁵ Fonte: blog O Estrangeiro, “A bússola dos migrantes já não aponta só para o norte”; matéria veiculada em 04 fev. 2014. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2014/02/04/a-bussola-dos-imigrantes-ja-nao-aponta-so-para-o-norte/>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

Segundo Stuart Hall (2011 e 2013), as transformações da sociedade no século XX levaram a uma fragmentação em diversas camadas de classe de gênero, de sexualidade, de etnia, de raça, de nacionalidade. Ao invés de uma identidade fixa, permanente, a identidade na pós-modernidade⁶ está continuamente em formação, descentrada, fragmentada, deslocada (*shifted*, como define o autor). O sujeito pode encontrar um “lugar de identidade” mas não será nunca apenas aquilo. Essa perda do sentido de si gera uma crise de identidade: diferentes identidades em diferentes momentos, não unificadas em um único sujeito, e, inclusive, identidades contraditórias que podem coexistir. Estamos diante da descentração ou do deslocamento do sujeito.

O deslocamento do sujeito pós-moderno é contínuo mas, de todo modo, ele busca uma localização. A identidade que permite essa localização em um contexto tão diverso é a identidade nacional, pois permite ao sujeito uma construção, um ponto de partida; permite construir uma narrativa de si mesmo. Porém, como esta narrativa se apresenta, então, para o indivíduo diaspórico, deslocado de seu lugar de pertencimento? No presente artigo, buscase refletir sobre essa questão tendo como foco o movimento migratório de haitianos rumo ao Brasil e o estabelecimento de comunidades virtuais por esses migrantes. A escolha se dá em função de características particulares desse fluxo: as trocas entre os países de origem e de destino que impulsionaram e que mantêm a rota Haiti-Brasil em crescimento.

O fluxo migratório Haiti-Brasil

O crescente fluxo de migrantes haitianos tendo o Brasil como país de destino é um fenômeno recente: data do rastro de destruição deixado pelo terremoto que atingiu Porto Príncipe, capital do Haiti, em 12 de janeiro de 2010. Mas as condições que contribuíram para estabelecer o fluxo migratório já estavam presentes antes da catástrofe, tanto no país de emigração quanto no de imigração.

Com relação ao Brasil, há o contexto de crescimento econômico citado anteriormente, ao qual somou-se uma mudança significativa no âmbito das relações exteriores: a partir do primeiro governo Lula, percebe-se um esforço para estabelecer acordos comerciais, alianças e parcerias - enfim, relações mais próximas - com países em desenvolvimento e com países das América do Sul e Central.

⁶ Pós-modernidade entendida aqui conforme proposto por Fredric Jameson em *Postmodernism or the cultural logic of late capitalism* (1991): uma formação cultural que acompanha um estágio particular do capitalismo, no qual estamos imersos nas últimas décadas, marcada pelo capitalismo de consumo - centrado na venda e no consumo de *commodities* e não mais em sua produção - e associada às inovações tecnológicas.

Com relação ao Haiti, dois aspectos pré-existentes são de grande relevância. Primeiramente, o país vive uma grave crise de representatividade, resultado de mais de quarenta anos de instabilidade política, sendo quase trinta sob regimes ditatoriais, seguidos de sucessivos golpes de estado. São altas as taxas de analfabetismo (aproximadamente 47%) e de desemprego (30% para todo o país, sendo 45% nas áreas metropolitanas e 62% para a população entre 15 e 19 anos⁷). Sobretudo entre os jovens, a falta de oportunidades é o principal motivo para migrar. Frequentemente, a família reúne recursos para a viagem e cabe ao migrante retribuir enviando parte de seus ganhos, uma vez empregado no exterior. Em anos recentes, o volume de remessas tem sido de tal vulto que representa algo como o produto de uma unidade federativa adicional no Haiti.

Outro aspecto que influenciou fortemente o estabelecimento do fluxo migratório para o Brasil foi a instituição da missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti ou MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*). A missão foi criada em abril de 2004 com o intuito de restaurar a ordem no país e promover a democracia após a renúncia do presidente Jean-Bertrand Aristide, eleito em 2001, em circunstâncias polêmicas. A coordenação da missão ficou a cargo do Brasil, que possuía o maior contingente na força internacional enviada ao Haiti. Desde então, a presença de militares brasileiros tornou-se uma constante no Haiti. Nesse contexto, começou a circular na mídia haitiana um discurso sobre a postura humanitária do Brasil – do governo e do povo brasileiro – e sobre o novo momento econômico do país⁸.

O terremoto de 7,3 pontos na escala Richter que atingiu a capital Porto Príncipe em 12 de janeiro de 2010 só fez acirrar a crise no Haiti. A sede do governo, hospitais e escolas foram completamente destruídos; da população de 10 milhões contabilizada então, quase 300 mil pessoas morreram, 500 mil ficaram feridas e 3 milhões desalojadas. No rastro da catástrofe, uma epidemia de cólera matou outros milhares de haitianos e contaminou centenas de milhares; faltavam serviços básicos, como saneamento, coleta de lixo, rede de água e esgoto; rapidamente escalaram desemprego, fome e violência criminal.

Além da missão de paz da ONU liderada pelo Exército Brasileiro, anterior à catástrofe, o Haiti recebeu então ajuda humanitária de diversas nações. No caso do Brasil, somou-se à

⁷ Ver SANTIAGO, A. (Org.). Haiti por si - a reconquista da independência roubada. Fortaleza: Adital, 2013, p. 119.

⁸ A Minustah é uma iniciativa cercada de polêmica - missão humanitária para uns e intervenção militar em um país soberano para outros. O senador haitiano Jean-Charles Moïse, que faz oposição ao atual governo, esteve no Brasil em maio último e declarou: "O que posso dizer aos brasileiros é que suas tropas não podem nos ajudar lá. Queremos a ajuda dos brasileiros, por isso pedimos que o Brasil substitua seus tanques de guerra por tratores agrícolas". Fonte: Portal Forum, disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/05/pedimos-que-o-brasil-substitua-seus-tanques-de-guerra-por-tratores-agricolas-diz-senador-haiti/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

presença de militares e de forças humanitárias uma medida provisória assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 26/01/10, que destinou US\$ 230 milhões para ajuda ao Haiti; somados a outros gastos com a ajuda humanitária, perto de US\$ 400 milhões foram cedidos ao Haiti pelo Brasil⁹.

O convívio estendido com brasileiros somado à ajuda financeira enviada após o terremoto acabou por estabelecer uma imagem do povo brasileiro como caloroso, receptivo e fraterno, nos moldes da noção que nos apresenta Dênis de Moraes (2009, p. 29) de imaginário social: “o depositário da memória que os indivíduos e os grupos [...] recolhem de seus contatos com o cotidiano, bem como as percepções de si mesmos e dos outros”.

O novo momento econômico do Brasil se uniu ao imaginário construído em solo haitiano para estabelecer o país como destino ideal, projeção de melhoria acessível ou utopia, entendida aqui como em Moraes (2009, p. 35): “um sonhar para frente”. De acordo com o “Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil” (2013), uma pesquisa com imigrantes haitianos recém-chegados ao Brasil destaca que o imaginário de “terra de oportunidades” que circula no Haiti há alguns anos se deve em parte à interação com brasileiros residindo no Haiti após o terremoto (militares e profissionais em missões humanitárias) e em parte à cobertura dada pela mídia ao momento de crescimento que estamos experimentando e aos grandes eventos a serem realizados nos próximos anos (Copa Mundial da FIFA em 2014 e Jogos Olímpicos em 2016), o que sugere “a relevância assumida pelas mídias na produção e circulação desses imaginários nos processos migratórios de haitianos para o Brasil” (2013, p. 32).

Em 2011, o governo brasileiro tomou a iniciativa de conceder vistos humanitários aos haitianos. A Resolução Normativa nº 97 (RN 97/12), passada no Conselho Nacional de Imigração (CNIg) em 12 de janeiro de 2012, determinou a emissão de 100 vistos mensais pela embaixada brasileira em Porto Príncipe aos haitianos que desejassem emigrar. A resolução dispõe sobre a concessão desses vistos para nacionais do Haiti por razões humanitárias, definidas como “aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010”.

Em abril de 2013, uma nova resolução normativa alterou a RN 97/12, estipulando uma vigência (dois anos) para a legislação e uma nova condição para a concessão do visto permanente: o haitiano que dispuser de um visto humanitário deve “comprovar sua situação

⁹ Como parâmetro de comparação, os EUA doaram US\$100 milhões à época.

laboral para fins da convalidação da permanência no Brasil e expedição de nova Cédula de Identidade de Estrangeiro antes do término do prazo de cinco anos”.

Pode-se inferir, portanto, que, ainda que o fluxo migratório Haiti-Brasil se tenha estabelecido por razões humanitárias, são as motivações econômicas que o regem; “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho” (SAYAD, 1998, p.54). Sayad vê o migrante como uma força de trabalho provisória, necessária para o bom funcionamento da economia mas sempre entendida como temporária ainda que eventualmente se estabeleça como permanente. É o trabalho que o define: a necessidade de reduzir os custos de produção pressiona por uma mão-de-obra barata, cumprida pelo migrante a contento, não apenas pelos baixos salários mas principalmente pelo custo social mínimo. Uma vez que não seja mais capaz de produzir, se adocece ou quando envelhece, o migrante se vê despido de qualquer função, sem direitos ou mesmo voz para reivindicá-los: “um migrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho” (SAYAD, 1998, p. 55).

Mais de 25% dos haitianos que chegaram ao Brasil desde 2010 tem idade entre 24 e 29 anos¹⁰. Dados do CNIg indicam a concessão de autorização de permanência no Brasil a 9.938 haitianos, no período de janeiro de 2010 a junho de 2013. No entanto, um recente levantamento realizado pelos governos do Acre e do Amazonas¹¹ informa que mais de vinte mil haitianos ingressaram no país através das fronteiras desses estados somente nos últimos três anos; a quase totalidade dos migrantes haitianos vem em busca de emprego e melhores condições de vida.

É interessante, ainda, pensar a migração de acordo com o fator espaço-tempo, como coloca ElHajji (2013, p.71): “o fenômeno migratório deve, portanto, ser apreendido [...] como um modo de estar-no-mundo contemporâneo global, no qual fronteiras e pertencimentos exclusivos e exclusivistas não têm mais o mesmo significado e o mesmo valor moral.” Migrar trata muito menos de um deslocamento geográfico ou, ao menos, não está restrito à questão física ou espacial; quando está “em outro lugar”, o migrante está também em outro tempo. Não pode viver as duas maneiras de estar no mundo simultaneamente no país de origem e no país de imigração. Por isso, se retorna, não retorna para o lugar que deixou, que já não é mais o mesmo. O espaço se moveu no tempo: o que era antes, não é mais; e mesmo

¹⁰ Fonte: Ministério das Relações Exteriores (dados coletados até 29/08/13).

¹¹ Fonte: blog O estrangeiro – Brasil, país de imigração. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2013/11/20/a-terceira-onde-de-haitianos-em-minas>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

o hoje onde ele está é diferente do hoje no país de origem. O fato do migrante estar deslocado (entendido como *shifted* em HALL, 2013) espacialmente pode ser experimentado de forma distinta na atualidade em função do avanço nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) mas é o fato de estar deslocado temporalmente que marca um modo de estar no mundo único e define para o migrante uma subjetividade singular enquanto indivíduo diaspórico.

Aspectos existenciais, relevância histórica, social e política dos movimentos migratórios

A figura do indivíduo é própria do Ocidente moderno. Nasce no momento em que se desenvolvia na Europa o pensamento renascentista, a fim de representar uma oposição ao pensamento universalista, quer de cunho religioso ou racionalista. Com a modernidade, o indivíduo ganha importância, marcando seu espaço de diferença e de particularidade – nacional, étnica, subjetiva. O discurso característico da formação do Estado-nação surge em oposição aos modelos universalistas religiosos, é fato, mas também negando o regionalismo e elegendo o nacional como figura de destaque; se dissemina, então, no pensamento ocidental, a voz do individualismo. Algo como não ser local nem global mas um outro “lugar”, o do uno, da unidade.

Quando falamos especificamente em migração, é interessante considerar como a diferença enquanto marca individual é valorizada. Tomemos por exemplo a condição do refugiado: se há um contexto que ameaça o indivíduo (perseguição política ou religiosa, para citar duas situações frequentes), existe uma condição reconhecida como válida para a concessão de refúgio. No entanto, o refúgio não é opção para grupos, no caso de um problema coletivo, como uma catástrofe natural, por exemplo.

Outro aspecto relevante com relação aos movimentos migratórios é que estes promovem o encontro com a diferença. Em seu livro *Estrangeiros de nós mesmos*, a filósofa e socióloga franco-búlgara Julia Kristeva (1994) analisa detidamente a figura do estrangeiro e conclui que este é a alteridade que nos habita. Uma alteridade interna, constitutiva do eu, semelhante ao que o filósofo francês Paul Ricœur (1991) definiu como ipseidade - o si mesmo como um outro. A estrangeiridade, ou a estranheza, serve como um catalizador do estranhamento ou do maravilhamento. Não somente por dizer respeito ao Outro, ao que é diferente de nós - este estrangeiro - mas sobretudo por nos revelar a nós mesmos.

Ao tratar da perda experimentada pelo migrante, que deixa sua origem e tudo que lhe é familiar, Kristeva expõe que esse afastamento lhe confere um distanciamento em relação àqueles que permanecem “entre si”, cercados por seus iguais (KRISTEVA, 1994, p. 15). Fala também que uma volta às origens é mais frequentemente sonhada que concretizada, uma volta que talvez jamais ocorra, seja por questões materiais ou psicológicas - algo que o migrante, de fato, não deseja. A autora conclui que, uma vez tomada a decisão de migrar, o migrante permanecerá sempre um migrante. Pode-se considerar que essa seja uma forma sociológica de pensar o migrante: não é quem está apenas de passagem; é o que pode ir embora mas fica. Só é estrangeiro porque fica, enquanto fica.

O filósofo alemão Peter Sloterdijk (2013)¹² realizou uma extensa análise de arquétipos mitológicos em diversas culturas da antiguidade, a partir da qual percebe a migração como um rito de passagem: em diversos textos religiosos ou mitos, há a figura de um indivíduo que deixa sua casa, seu lugar de origem, e parte em direção a outras terras. Às vezes retorna, às vezes funda uma nova tribo, cidade ou nação. Independente de haver ou não um retorno às origens, observa-se, em um primeiro momento, um resgate dos valores tradicionais e, posteriormente, uma ressignificação desses valores. Migrar, portanto, é um movimento necessário para a formação constitutiva da realidade.

Além da relevância histórica, autores como Arjun Appadurai (2004) e David Harvey (1993) apontam a relevância política e social do fenômeno migratório. Para o antropólogo indiano Arjun Appadurai (2004)¹³, a globalização traz a descentralização dos processos produtivos e a intensificação das trocas, graças às novas tecnologias e à rapidez com que a informação circula. Neste cenário, a mobilidade, representada também pelos movimentos migratórios, se estabelece como valor no sistema econômico contemporâneo.

É possível afirmar que, para Appadurai (2004 e 2009), a migração é um fato constitutivo da modernidade. Em “Medo ao pequeno número” (2009), o autor ressalta a questão da incerteza, intensificada pela globalização, que acirra as tensões entre dentro e fora, nacional e estrangeiro:

A velocidade e a intensidade com que elementos tanto materiais quanto ideológicos agora circulam através de fronteiras nacionais criaram uma nova ordem de incerteza na vida da sociedade. [...] essas várias formas de incerteza criam uma ansiedade intolerável sobre o relacionamento de muitos indivíduos com os bens proporcionados pelo estado [...], já que esses direitos frequentemente estão

¹² Ver SLOTERDIJK, P. No mesmo barco - Ensaio Sobre a Hiperpolítica. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

¹³ Ver APPADURAI, A. Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2004.

diretamente ligados a quem “você” é e, portanto, a quem “eles” são (APPADURAI, 2009, p.15-16).

As migrações em massa, bem como os meios de comunicação de massa, teriam em Appadurai (2004) um efeito direto sobre a imaginação (no sentido proposto por Benedict Anderson, 2008)¹⁴, característica constitutiva da subjetividade moderna - subjetividade entendida, para o autor, como o sentimento de identidade de cada um. O antropólogo concebe cinco dimensões desse imaginário social: *ethnoscapes*, *mediascapes*, *technoscapes*, *financescapes* e *ideoscapes*, algo como paisagens étnicas, midiáticas, tecnológicas, financeiras e ideológicas, respectivamente. Ao falar de *ethnoscape*, analisa como o conjunto dos fluxos humanos e midiáticos – movimentos que ocorrem tanto no plano físico quanto no subjetivo – vêm mudando esse imaginário e criando esferas diaspóricas. Os fluxos e as trocas que se estabelecem no espaço real e no espaço virtual deixam rastros; o migrante é frequente “levado” a deixar seu país de origem seguindo as pegadas de outros antes dele, em busca dessas paisagens que parecem unificar subjetividades e padronizar códigos para os mais distintos povos.

Outra abordagem que suscita a relevância política e social dos movimentos migratórios é a do geógrafo inglês David Harvey, que apresenta a noção de encolhimento do planeta. Harvey (2007) fala do efeito de compressão do espaço-tempo como resultado do rápido desenvolvimento dos transportes, da comunicação e da informática: questões objetivas do espaço e do tempo vem sendo transformadas de tal maneira que se faz necessário mudar o modo como os indivíduos se representam no mundo. De modo geral, mas também no caso específico da migração, percorrer grandes distâncias, cruzar continentes, enfim, deslocar-se através do globo é passível de ser realizado em cada vez menos tempo e para um número maior de pessoas. Conforme mencionado anteriormente, há atualmente mais de 200 milhões de migrantes no mundo e, segundo os dados da ONU, se dependesse apenas da vontade de migrar, esse número chegaria a quase 900 milhões¹⁵.

Simultaneamente, os avanços alcançados com as TICs, implicam em uma aceleração e intensificação dos fluxos migratórios: antes mesmo de partir, o migrante tem a sua disposição a possibilidade de estabelecer trocas, materiais e simbólicas, com pessoas de diferentes partes do globo e com elas compartilhar um imaginário social global.

¹⁴ Ver ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁵ Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/11/brasil-pais-de-imigracao>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

As TICs e as comunidades virtuais de migrantes haitianos residentes no Brasil

Em “A sociedade em rede” (2000), o sociólogo espanhol Manuel Castells propõe um novo paradigma tecnológico: na contemporaneidade, a tecnologia produz conteúdo e informação, ao contrário do que acontecia com tecnologias anteriores. O autor fala da interdependência global (por exemplo, fatos em um país que afetam a realidade em outro local); de uma nova relação entre economia, estado e sociedade, mais dinâmica; e do novo capitalismo, mais flexível (em termos de regulamentação – com menos normas e, portanto, mais facilmente adaptado a contextos distintos). Recuperando o pensamento de Raymond BARGLOW, Castells aponta, assim como Stuart Hall, para um possível efeito dessa transformação no processo de configuração identitária:

A mudança histórica das tecnologias mecânicas para as tecnologias da informação ajuda a subverter as noções de soberania e autossuficiência que serviam de âncora ideológica à identidade individual desde que os gregos elaboraram o conceito (BARGLOW apud CASTELLS, 2000, p. 58).

Para Castells, esse movimento se deve à entrada em cena de um novo sistema de comunicação que tem como principais características o alcance global, a integração e a potencial interatividade, sistema esse que “está mudando e mudará para sempre nossa cultura” (CASTELLS, 2000, p. 415). Por um lado, de acordo com o autor, “a fragmentação social se propaga, à medida que as identidades se tornam mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar” (Ibid, p. 41); por outro, no entanto, como Castells coloca em “A galáxia da internet” (2001), a integração e o alcance global, tornados possíveis graças às tecnologias da informação, abrem possibilidades de contraposição à fragmentação:

Se você quer saber o que aconteceu em sua cidade estando do outro lado do mundo, só a Internet é capaz de fornecer essa informação. [...] Assim, a liberdade de contornar a cultura global para atingir sua identidade local funda-se na Internet, a rede global da comunicação local (CASTELLS, 2001, p. 162).

Nesse sentido, são de grande valia as comunidades virtuais. Castells (2000, p. 443) parece corroborar a definição do escritor Howard Rheingold (1994)¹⁶ para comunidade virtual: “uma rede eletrônica auto-definida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum, embora às vezes a comunicação se torne a própria meta”.

¹⁶ Ver RHEINGOLD, Howard. *The virtual community: homesteading on the electronic frontier*. Harper Collins, 1994.

Raquel Recuero (2011) retoma a definição de Rheingold e cita diferentes noções de comunidade virtual: para Marc Smith, seriam comunidades simbólicas, uma vez que seus membros “estão conectados primariamente pelas trocas simbólicas”¹⁷; já André Lemos destaca a importância de interesses comuns: “As comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”¹⁸, em linha, segundo Recuero, com Fernback e Thompson (1998), que “definem a comunidade virtual como “relação social”, forjada no ciberespaço, através do contato repetido no interior de uma fronteira específica ou lugar [...] que é simbolicamente delimitada por tópico de interesse”¹⁹.

Ao discorrer sobre o uso das redes sociais na web, Castells alega que “a influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais [...] estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela” (2001, p.8). O teórico defende que, na Era da Informação, estaríamos diante de uma “cultura da virtualidade real”, erigida “através de processos de comunicação virtuais, eletronicamente baseados.” (CASTELLS, 2000, p. 167). Através da virtualidade, abre-se a possibilidade para todos nós de processar nossa criação de significado.

Sendo assim, é possível afirmar que, tanto em Castells quanto em Recuero, as relações que os indivíduos estabelecem nas comunidades virtuais não se detêm no simples compartilhamento de interesses comuns; essas trocas de fato contribuem para que esses indivíduos se reconheçam como pertencentes a determinados grupos, o que pode ser de grande relevância para sua configuração identitária.

Como parte da dissertação de mestrado atualmente em curso e mencionada na introdução deste artigo, foi realizado um levantamento da atividade no ambiente virtual por parte de migrantes haitianos atualmente residindo no Brasil. Realizou-se, na etapa de pré-pesquisa, um levantamento de sites, publicações, blogs e redes sociais em que houvesse conteúdo produzido pelo próprio migrante. Foram encontradas esparsas iniciativas, por vezes muito abrangentes – tratando da migração haitiana pelo mundo afora ou de movimentos migratórios como um todo no Brasil– e, em outros casos, muito pontuais (relacionadas a um único evento ou publicação, sem continuidade).

¹⁷ SMITH, 1999, apud RECUERO, 2011, p. 137.

¹⁸ LEMOS, 2002, P. 93, apud RECUERO, 2011, p. 138.

¹⁹ FERNBACK e THOMPSON, 1998, apud RECUERO, 2011, p. 139.

Nas redes sociais, entretanto, observou-se uma presença relevante de migrantes haitianos, sobretudo no Facebook. Realizou-se uma busca nessa rede em 29 de julho de 2013 para os verbetes “haitianos” e “haitianos no Brasil”. Adotou-se como critério de seleção de resultados os grupos que contavam com a participação de haitianos residindo no Brasil. Chegou-se a seis grupos, totalizando 326 membros²⁰ dois quais 290 eram perfis de nacionais haitianos. Foram definidas, então, algumas tipologias que permitissem adotar um critério científico para seleção e análise dos dados: a) acessibilidade: grupos abertos ou fechados²¹; b) âmbito geográfico: grupos de âmbito nacional, regional ou local (tendo como critério a nomenclatura dos grupos); c) segmentação: grupos relacionados a algum perfil ou objetivo específico (por exemplo, grupos religiosos, grupos de relacionamentos, ofertas de emprego ou de serviços).

À época, optou-se por fazer o recorte de pesquisa em torno do grupo “Haitianos no Brasil”, uma vez que este contava com o maior número de nacionais haitianos, traço fundamental para conduzir um estudo sobre configuração identitária. Optou-se por analisar o material a partir do pensamento de Ricoeur (1991) e o que este chama de identidade narrativa: um sujeito que se constitui a medida em que fala de si, que se transforma a partir de suas ações ou de eventos externos, ao mesmo tempo sujeito e objeto.

Embora a etapa de campo da pesquisa ainda não tenha sido concluída, já é possível detectar algumas mudanças no modo como os migrantes do grupo “Haitianos no Brasil” constroem suas narrativas de si. No que diz respeito à forma, os primeiros posts (junho de 2013) costumavam ser breves (uma ou duas frases curtas) e utilizar predominantemente inglês, *créole* (crioulo haitiano) e português (por vezes, também francês); nos posts mais recentes, quase um ano mais tarde, observa-se textos mais longos, utilizando *créole* e português. Quanto ao conteúdo, os posts mais antigos frequentemente apresentavam mensagens de apoio, falando em perseverar e ter esperança, acompanhadas por fotos dos migrantes; mais recentemente, os posts tratam de temas diversos - música, dicas (como realizar ligações internacionais ou utilizar serviços de VoIP²², por exemplo), eventos, esportes e mesmo notícias sobre o clima. Eventualmente vê-se fotos mas estas não necessariamente ilustram

²⁰ Haitianos no Brasil (77 membros), Haitianos em Palotina (37 membros), Haitianos em Manaus (80 membros), Haitianos cristãos RS (40 membros), Grupo contra a presença de haitianos no Brasil (37 membros) e Grupo universitários haitianos no Brasil (55 membros).

²¹ Grupos abertos permitem a participação de qualquer usuário que tenha uma conta no Facebook; para participar de grupos fechados, é necessário obter autorização do usuário responsável pelo gerenciamento da página.

²² VoIP (Voice over Internet Protocol), telefonia IP ou telefonia Internet: “um conjunto de tecnologias, largamente utilizadas em redes IP, Internet ou Intranet, com o objetivo de realizar comunicação de voz” (Fonte: ANATEL, disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalPaginaEspecial.do?codItemCanal=1216>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

os migrantes – também dizem respeito aos diversos temas citados; percebe-se, ainda, um uso mais frequente de links para notícias e vídeos.

De certo modo, é possível depreender que, em um primeiro momento, era importante para os membros haitianos evidenciar o que os unia enquanto grupo naquele espaço virtual – eram migrantes lidando com as dificuldades características de adaptação em um novo país, buscando um pertencimento. No período de aproximadamente um ano, pode-se perceber um discreto passo em direção a uma heterogeneidade mais evidente: são todos migrantes, sim, mas com seus interesses, seus gostos, suas idiossincrasias, com suas diferenças, enfim.

Considerações finais

A partir das reflexões de Hall (2011 e 2013) sobre o modo como a noção de identidade se apresenta na sociedade contemporânea e levando em conta as possibilidades que se apresentam para a “cultura da virtualidade real” de Castells (2000), podemos conceber a relevância das comunidades virtuais para a configuração identitária dos migrantes haitianos que têm chegado ao Brasil nos últimos anos. As comunidades se configuram como um dos principais espaços de expressão, de apoio e de acolhimento e, sobretudo, de pertencimento na diáspora.

Espaço de expressão, porque a presença no ambiente virtual possibilita aos migrantes haitianos fazer frente ao discurso midiático hegemônico, desfazendo em parte a associação com “ilegalidade” e “invasão”, noções que seguramente dificultam a integração à sociedade brasileira. De apoio e de acolhimento, pois, como esclarece Castells, as comunidades virtuais não servem única e exclusivamente à interação – abrangem tanto o funcional como o afetivo. Por fim, as comunidades virtuais revelam um espaço de pertencimento ao instituir um “lugar” – ainda que virtual - de interação e de integração: cada vez mais, é nas comunidades que nasce a decisão de migrar; é nesse espaço que se apresentam as dinâmicas de instalação no novo país, que os migrantes mantêm vivos os laços com amigos e familiares e os vínculos com o país de origem; e, eventualmente, nessas mesmas comunidades, o migrante firma uma nova identidade a partir do que diz sobre si mesmo, sua narrativa do eu.

O historiador francês Jean Cristophe Ruffin (2013) analisou o modo pelo qual o ocidente se organiza em função do seu “negativo”: ao comparar o Império Romano e os bárbaros ou a cristandade e os infiéis na Idade Média (para citar apenas dois exemplos), revela que um se

constitui, “tem sentido”, em função do outro²³. O migrante representa esse Outro – o de fora, o diferente, aquele que não pertence ao “nós”. Um outro que se constrói com a passagem do tempo, para si mesmo e para os demais. Que parte e nunca chega. Que se constitui e existe na impermanência, no movimento.

Referências bibliográficas

APPADURAI, A. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras Itaú Cultural, 2009. p. 13-43.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação – volume 1. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

_____. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COGO, D. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídia e mobilização social de latino-americanos. In: **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. _____; ELHAJJI, M.; HUERTAS, A. (Ed.). Bellaterra: Institut de Comunicació, Universidad Autonoma de Barcelona, 2012.

_____; SOUZA, M. B. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores**: Migrantes no Brasil. Bellaterra: Instituto de Comunicación de la UAB/Unisinos, 2013.

ELHAJJI, M. Cidade, migrações e TICs: fluxos e rastros na contemporaneidade. In: TUZZO, S.A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunidade, mídia e cidade**: possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: Cir Gráfica, 2013, p.61-78. Disponível em:
<http://issuu.com/jorge.almir/docs/livro_comunidade_simone_tuzzo>. Acesso em: 30 jun. 2014.

_____. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. In: MAIA, J.; HELAL, C. (Org.). **Comunicação, arte e cultura na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____; SOVIK, L. (Org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2007.

²³ Ver RUFFIN, Jean Cristophe. O Império e os Novos Bárbaros. Rio de Janeiro: Record, 2013.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros de nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 9-69.

MORAES, D. Imaginário Social, hegemonia cultural e comunicação. In: _____. **A batalha da mídia**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009. p. 28-56.

RICOEUR, P. **O si mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

SANTIAGO, A. (Org.). **Haiti por si**: a reconquista da independência roubada. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 13-72.